

LIVROS COMO PASSAPORTES PARA OUTROS MUNDOS: POSSIBILIDADES DE PESQUISAS GLOBAIS COM BIBLIOTECAS LOCAIS

Luciana Cristina Pinto

Doutoranda em História, UFSC

Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
de Nível Superior (CAPES)

lucristina22@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar para o leitor algumas bibliotecas particulares de intelectuais da região do Estado do Paraná (PR). Os documentos originais estão sob a guarda do Departamento de História, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), especificamente no Centro de documentação e pesquisa em História (CDPH). O referido acervo documental possui aproximadamente onze bibliotecas, algumas ainda em processo de catalogação. Seleccionamos três bibliotecas particulares para compor esse artigo, cujos acumuladores foram: a historiadora Helenice Rodrigues da Silva (1947-2013), docente no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR); o engenheiro químico Alceu Schwab (1924-2004), também docente da Universidade Federal do Paraná; e o intelectual ponta-grossense, nascido em Antonina (PR), Lourival Santos Lima (1914-1988), bacharel em Direito. A história regional e a global possuem campos teórico-metodológicos distintos, mas a partir do potencial dos acervos, este texto parte do pressuposto de que os livros são passaportes para

outros lugares, ou seja, além de revelar o perfil do acumulador, os livros destas (e de outras) bibliotecas com estas características são suportes das ideias dos autores, de forma que seus leitores/pesquisadores podem ultrapassar as barreiras locais, quando têm em mãos obras com diferentes idiomas, que estimulam o exercício da tradução, o entendimento de parte daquela cultura e contexto e a reflexão sobre a possível relação com o contexto local. As temáticas dos livros também podem apresentar características globais, se conectando com outras culturas. Sem a intenção de montar um guia para pesquisas em bibliotecas, compreendemos que estes são apenas alguns elementos que podem provocar pesquisadores que se interessam por esse campo fértil de investigação. Conhecer essas bibliotecas se torna relevante para possíveis pesquisas na área da historiografia, porque mostra a importância dos lugares de guarda e conservação de documentos, que carregam elementos locais e até pessoais que podem se relacionar, a partir do estudo dos livros, com o global.

Palavras-chave: bibliotecas locais; pesquisas globais; Centro de Documentação.

INTRODUÇÃO

Os Centros de documentação, de forma geral, possuem muitas características interessantes, porque além da responsabilidade da preservação e guarda dos fundos documentais, e a disseminação das informações para os pesquisadores, esses lugares representam parte da memória, revelam características específicas e determinadas normas para consulta. Com relação às bibliotecas particulares, precisamos resistir à tentação de emprestar um livro em um Centro de documentação e levá-lo para casa, pois nesse caso o empréstimo é apenas local, ou seja, o pesquisador precisa ler nas dependências do Acervo. Isso porque os livros são documentos históricos, como por exemplo todos os demais de outros tipos como jornais ou processos criminais.

Convém destacar a importância desses conjuntos documentais, que chegaram através de doações dos titulares dos acervos, ou ainda de maneira póstuma, através da família ou de amigos do acumulador. Após a aquisição do material, é feita a higienização e catalogação dos livros, trabalho técnico minucioso onde o historiador dialoga com outras áreas do conhecimento como a Arquivologia e a Biblioteconomia.

Nesse sentido, compreendemos os limites da nossa ação, e como nossa formação é em História, incorporamos técnicas das disciplinas vizinhas, a fim de organizar de maneira que a informação seja recuperada com certa agilidade para o pesquisador. Assim, o exercício de reflexão e também o cuidado no manuseio dos documentos se tornam ferramentas fundamentais para o andamento do trabalho e das informações geradas.

Para além dos procedimentos de catalogação, entendemos que a documentação que manuseamos representa parte da história não somente do acumulador, porque depois da doação, ela ganha uma dimensão pública e assim, integra parte da camada da História Regional.

Nesse sentido, é fundamental destacar a importância do profissional dos Centros de Documentação, e Arquivos em geral, pois muitos fundos documentais levam bastante tempo para serem catalogados, afinal à tarefa de catalogação e preservação soma-se o atendimento aos pesquisadores e público interessado, e dependem da quantidade de pessoal para realizar o trabalho e da complexidade da documentação recebida. Segundo Pierre Nora,

Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração. São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. Trata-se de um lugar de memória tão abstrato quanto a noção de geração? É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p. 21,22).

Assim, inspirados no historiador francês, nosso objetivo é abrir espaço para a imaginação, porque entendemos que os documentos desse lugar de memória, o CDPH, e especialmente os livros das bibliotecas particulares de intelectuais da região do Paraná, podem revelar grande potencial para a pesquisa em História e áreas afins, onde muitos títulos das obras indicam a aproximação do acumulador com sua profissão e interesse pessoal. E uma das linhas possíveis de investigação é a trajetória dessas obras, onde o pesquisador pode observar os livros que apresentam dedicatórias manuscritas, assinaturas, carimbos, enfim, vestígios do percurso dos livros.

PESQUISAS GLOBAIS COM BIBLIOTECAS LOCAIS

A história regional e a global possuem campos teórico-metodológicos distintos, mas a partir do potencial dos acervos, este texto parte do pressuposto de que os livros são passaportes para outros lugares, ou seja, além de revelar o perfil do acumulador, os livros destas (e de outras) bibliotecas com estas características são suportes das ideias dos autores, de forma que seus leitores/pesquisadores podem ultrapassar as barreiras locais, quando têm em mãos obras com diferentes idiomas, que estimulam o exercício da tradução, o entendimento de culturas e contextos diversos e a reflexão sobre a possível relação com o contexto local. As temáticas dos livros também podem apresentar características globais, conectando-se com outras culturas. Sem a intenção de montar um guia para pesquisas em bibliotecas, compreendemos que estes são apenas alguns elementos que podem provocar pesquisadores que se interessam por esse campo fértil de investigação.

Se pensarmos o papel dos livros ao longo da história, entendemos que sua força permanece de muitas formas, em lugares como bibliotecas públicas, particulares, livrarias, sebos, feiras de livros e em nossas casas, com diferentes temas. Dos livros técnicos à ficção e à poesia, os livros sobrevivem em plena era digital, e inclusive se reinventam, se “vestem” no formato de e-books, e fazem seus leitores mudarem de postura diante de um aparelho, como o livro eletrônico nos modelos de e-readers.

Contudo, mesmo com a presença dos e-readers e outros textos eletrônicos, é importante refletir que os livros físicos permanecem e são lidos até os tempos atuais. Muitas bibliotecas de instituições públicas ou particulares disponibilizam uma amostra de seus livros além da refe-

rência bibliográfica completa em catálogos que podem auxiliar alunos, professores e pesquisadores no acesso aos temas e períodos dos impressos, facilitando as buscas na internet em qualquer lugar do globo. Essa democratização do acesso, através do computador, tablet ou celular, é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento de pesquisas sem a barreira geográfica.

No que concerne à história do livro e da leitura ou à história da palavra impressa, os autores que se debruçaram sobre o tema **são o historiador francês Roger Chartier e o americano Robert Darnton**, contribuindo para o desenvolvimento dessa área do conhecimento de bastante relevância para a ciência da história, pois nos auxiliam na compreensão de sociedades, letradas ou não, em sua relação com esse objeto que é um bem cultural, o livro.

No que concerne ao período digital que vivenciamos, argumenta Roger Chartier:

O sonho da biblioteca universal parece hoje mais próximo de se tornar realidade do que jamais o foi, até na Alexandria dos Ptolemeus. A conversão digital das coleções existentes promete a constituição de uma biblioteca sem muros, onde poderiam ser acessíveis todas as obras que um dia foram publicadas, todos os escritos que constituem o patrimônio da humanidade. (CHARTIER, 2010, p. 11).

O historiador refletiu sobre os desafios impostos por essa onda digital, que por um lado é deslumbrante, e por outro, demanda atenção quanto às transformações no formato do livro, e consequentemente, nas maneiras de ler:

A ambição é magnífica, e, como escreve Borges: “quando foi proclamado que a Biblioteca incluiria todos os livros, a primeira reação foi uma felicidade extravagante”. Mas a segunda é provavelmente uma interrogação sobre essa violência a que são submetidos esses textos, apresentados à leitura em formas que não são mais aquelas em que os encontraram os leitores do passado. (CHARTIER, 2010, p. 11).

O debate sobre as transformações das ferramentas utilizadas para a propagação da linguagem escrita, o avanço das tecnologias de

informação, a digitalização do códex, o futuro das bibliotecas, entre outras coisas, são temas de pesquisa do historiador Robert Darnton em seu livro intitulado **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. Para o autor, os aspectos físicos dos livros são de suma importância para a apreciação de um bom observador,

Mesmo que a imagem digitalizada na tela do computador seja precisa, deixará de capturar aspectos cruciais de um livro. Tamanho, por exemplo. A experiência de ler um pequeno duodécimo, projetado para que o leitor o segure com facilidade com uma única mão, difere consideravelmente da experiência de ler um fólio pesado apoiado num leitoril. É importante poder sentir um livro – a textura do papel, a qualidade da impressão, a natureza da encadernação. Seus aspectos físicos fornecem pistas a respeito de sua existência como elemento num sistema social e econômico; e, se contiver anotações nas margens das páginas, pode revelar muito sobre seu lugar na vida intelectual dos leitores. (DARNTON, 2010, p. 57)

Inspirados em Darnton, destacamos a importância dos Centros de documentação na preservação dos livros impressos. Atualmente, eles também representam uma forma de defender a relação ensino-aprendizado, e a importância que o ato da leitura tem na vida pessoal e social dos indivíduos, pois além de viabilizar o acesso à informação, amplia a capacidade do indivíduo de se posicionar de forma crítica no seu cotidiano. Faz as novas gerações compreenderem que existiram livros em diferentes formatos, numa época em que não existiam computadores e acesso à internet.

A intenção, aqui, é apresentar para o leitor algumas bibliotecas particulares de intelectuais da região do Paraná; os documentos originais estão sob a guarda do Departamento de História, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), especificamente, no Centro de documentação e pesquisa em História (CDPH). A partir do potencial dos acervos, partimos do pressuposto de que os livros podem conectar culturas que extrapolam as fronteiras regionais. Por exemplo, ao estudar a posse de livros, o pesquisador pode observar, além do perfil do acumulador, determinados padrões de uma comunidade letrada. Conhecer essas bibliotecas se torna relevante para possíveis pesquisas na área da historiografia, porque pode contribuir no entendimento de certas linhas de pensamento e redes de sociabilidades, campo fértil para pesquisa.

Selecionamos três bibliotecas particulares de intelectuais da região do Paraná para compor esse artigo: da historiadora Helenice Rodrigues da Silva (1947-2013), docente no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR); do engenheiro químico Alceu Schwab (1924-2004), também docente da Universidade Federal do Paraná; e de Lourival Santos Lima (1914-1988), bacharel em Direito. Todos os referidos acervos estão sob a guarda do Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH-UEPG).

AS BIBLIOTECAS E SEUS ACUMULADORES

Antes de se chamar CDPH, o espaço era denominado Sala do Acervo Centro Cultural Euclides da Cunha, e foi criado em 1995 com a aquisição do acervo documental do Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC); foi ampliado em 1997 quando aconteceu a doação do Fórum de Ponta Grossa dos processos-crime da 1ª Vara criminal (1884-1976); e em 1998, com a chegada do acervo do intelectual Faris Michael (1911-1977), entusiasta e fundador do CCEC. Muitos outros documentos foram compondo o acervo, como o Jornal da Manhã, recebido em 2008, com exemplares de 1954 a 2007. Em 2009, o referido acervo saiu das dependências da UEPG Campus Central, e foi instalado no Campus de Uvaranas, por conta da transferência do curso de História, que passou a usufruir de um espaço mais apropriado. Nesse momento, o acervo passou a se chamar Centro de Documentação e Pesquisa em História – UEPG. (CDPH, 2018).

Sobre determinadas normas em relação aos livros das bibliotecas públicas ou particulares e dos centros de documentação, a principal diferença em termos de usos é que nas primeiras os exemplares podem ser emprestados e levados para casa, e nos últimos, a consulta é apenas local, ou seja, o acesso é mais restrito porque são doações feitas por pessoas e/ou instituições que têm o interesse na guarda, preservação e conservação dos documentos. Entretanto, assim como em bibliotecas, os livros em centros de documentação podem compor um catálogo online com suas referências bibliográficas, ampliando as informações e o potencial das bibliotecas para o público leitor.

Com relação às bibliotecas pessoais e seu potencial de pesquisa em História, montamos uma tabela que apresenta as bibliotecas do CDPH/UEPG, onde a quantidade dos livros poderá sofrer alterações,

porque algumas das bibliotecas estão em processo de catalogação, restauração e/ou revisão. O que convém destacar é a qualidade desses acervos para a pesquisa histórica; o leitor pode ver que além do número de livros, o campo “data limite” nos mostra a riqueza e longevidade dos impressos, com muitos exemplares únicos, que carregam as ideias de seus autores.

BIBLIOTECAS-CDPH	DATA LIMITE	LIVROS
Alceu Schwab	1898-2003	1053 exemplares
Carmencita De Holleben Mello Ditzel	1877-2011	1276 exemplares
Centro Cultural Euclides da Cunha	1826-1980	5032 exemplares
Cláudio Denipoti	1901-2006	119 exemplares
Departamento de História (Dehis- UEPG)	1896-2015	812 exemplares
Elizabeth Alves Pinto	1934-2002	258 exemplares
Faris Michael	1872-1987	7751 exemplares
Helenice Rodrigues da Silva	1919 - 2012	304 exemplares
Lourival Santos Lima	1889-2011	1294 exemplares
Magnus Pereira	1913-2013	273 exemplares
Odete Cominato	1822-1975	273 exemplares

Fonte: Centro de documentação e pesquisa em História (CDPH/UEPG). Organização da tabela: Luciana Cristina Pinto, 2019.

HELENICE RODRIGUES DA SILVA (1947-2013)

A historiadora, ao longo de sua trajetória, acumulou muitos livros: aproximadamente 301 exemplares com data limite de 1919 até 2012¹. As obras estão sob a guarda do Centro de Documentação e Pesquisa em História CDPH/UEPG, e foram doadas em 2013².

1 Acervo bibliográfico Helenice Rodrigues da Silva. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. 1919 – 2012.

2 Também compõem o Acervo Helenice Rodrigues da Silva: periódicos, documentos avulsos, VHS e DVDS.

O acervo bibliográfico reúne temas de História, a área de formação da professora Helenice da Silva, que realizou parte de seus estudos na França. Essa informação pode auxiliar na compreensão de uma das características do seu conjunto de livros, pois muitos exemplares são no idioma francês, como: Fernand Braudel, **La Mediterranee et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II**³; Michel de Certeau, **L'invention du quotidien**⁴; e Roger Chartier, **L'Ordre des Livres**⁵.

Helenice da Silva fez doutorado em História pela Universidade de Paris X (Nanterre), e ainda em Paris, concedeu entrevista, no ano de 2004, em que defendeu o campo da História Intelectual:

A História Intelectual constitui um canteiro de obras a ser laborado coletivamente, pelas diferentes disciplinas. Os livros coletivos, como Grandes nomes da história intelectual, publicado no ano passado pela Editora Contexto, e que percorre diferentes épocas, abrem pistas para novas contribuições. O diálogo entre os autores, vindos de horizontes distintos, é imprescindível. (SILVA, 2004, p. 234)

Diogo da Silva Roiz, destaca a importância de Helenice Rodrigues da Silva para o campo acadêmico que estuda a História Intelectual, e nos apresenta parte de sua trajetória:

A trajetória de Helenice Rodrigues da Silva começou em Belo Horizonte, onde nasceu em 17 de agosto de 1947, e se completou em Curitiba, cidade em que veio a falecer em 9 de maio de 2013, aos 65 anos. Em Belo Horizonte, Helenice fez sua formação ini-

3 BRAUDEL, Fernand. **La Mediterranee et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II**. Paris: Armand Colin, 1985. Acervo bibliográfico Helenice Rodrigues da Silva. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. 1919 – 2012.

4 CERTEAU, Michael de. **L'invention du quotidien**. Saint-Armand: Folio Essais, 1990. Coleção Folio/Essais. Acervo bibliográfico Helenice Rodrigues da Silva. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. 1919 – 2012.

5 CHARTIER, Roger. **L'Ordre des Livres: Lecteurs, auteurs, bibliothèques en Europe entre XIV^e et XVIII^e siècle**. Provence: Alinea, 1992. Coleção De La Pensee. Acervo bibliográfico Helenice Rodrigues da Silva. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. 1919 – 2012.

cial e se graduou em História, em 1970, aos 23 anos, pela Universidade Federal de Minas Gerais. (ROIZ, 2013, p. 6)

A historiadora orientou muitos alunos, entre eles Diogo Roiz, citado acima. E além da importância da historiadora para a produção do conhecimento na área da História intelectual percebemos, na leitura do texto, a admiração e respeito do autor por sua mestra.

Um viés relevante de pesquisa pode ser a investigação das relações entre os intelectuais, que muitas vezes criaram redes de sociabilidades, por exemplo, através de publicações em conjunto com alunos, colegas de ofício com afinidades teóricas, ou também debates divergentes, analisando como Helenice Silva (e outros) se relacionaram e atuaram na construção do diálogo acadêmico.

O conceito de “redes de sociabilidade”, de Jean François Sirinelli, é importante para compreender, em parte, as relações entre os intelectuais que ultrapassavam as barreiras regionais. Segundo Sirinelli, as redes – também chamadas estruturas de sociabilidade – constituíam uma ferramenta explicativa para compreender a organização e a dinâmica do campo intelectual com suas amizades, fidelidades (nem sempre harmônicas), vínculos e tomadas de posição. (SIRINELLI, 2003, p. 248, 249)

ALCEU SCHWAB (1924-2004)

Foi um estudioso da música popular brasileira, que reuniu muitos discos de vinil, livros e outros documentos que podem revelar parte da personalidade de uma pessoa curiosa, organizada e apaixonada pela música. Segundo Rogério Bergold, docente no Departamento de Música da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG):

Alceu Schwab (1924-2004), nascido em Ponta Grossa (PR), graduou-se em Engenharia Química em 1955 na Universidade Federal do Paraná (UFPR), passando posteriormente a docente da mesma universidade. Atuante na área da cultura, tanto na UFPR quanto na sociedade curitibana, publicou livros, artigos em jornais, produziu jingles, vinhetas e programas de rádio. (BERGOLD, 2014, p. 1)

Em 2007, o acervo pessoal de Schwab foi recebido no Centro de documentação e pesquisa em História (CDPH), cuja doação foi feita pela família. A característica importante que possibilita futuras pesquisas está no possível cruzamento de informações da biblioteca particular, do acervo fonográfico e demais documentos. Alguns discos de vinil traziam recortes de jornais, com notícias que se relacionavam com os discos. Percebemos, assim, parte do trabalho do pesquisador Schwab e seu cuidado com as informações que selecionava.

Numa rápida busca nos temas dos livros da referida biblioteca, apreendemos seu interesse de pesquisador por grandes compositores e/ou cantores da música brasileira, como Chiquinha Gonzaga (1847-1935), Pixinguinha (1897-1973), Adoniran Barbosa (1910-1982) e Noel Rosa (1910-1937).

Livros sobre Chiquinha Gonzaga	Livros sobre Pixinguinha	Livros sobre Adoniran Barbosa	Livros sobre Noel Rosa
BOSCOLI, Geysa. A pioneira Chiquinha Gonzaga. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, s. d.	SILVA, Mari- lia T. Barboza da; OLIVEIRA FILHO, Arthur L. de. Pixinguinha: filho de ogum bexiguento. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.	GOMES, Bruno. Adoniran: um sambista diferente. Rio de Janeiro: FU- NARTE, 1987.	ALMIRANTE. No tempo de Noel Rosa. São Paulo: Francis- co Alves, 1977.
DINIZ, Edinha. Chiquinha Gonzaga: uma história de vida. Rio de Janeiro: Codecri, 1984.	CABRAL, Sérgio. Pixinguinha vida e obra. Petrópolis: Lumiar, 1997.	KRAUSCHE, Valter. Adoni- ran Barbosa. São Paulo: Bra- siliense, 1985.	CALDEIRA, Jorge. Noel Rosa: de costas para o mar. São Paulo: Brasi- liense, 1982.

(continua)

LIRA, Mari-za. Chiquinha Gonzaga : grande compositora popular brasileira. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.	FERNANDES, Antônio Barroso (Org.). As vozes desassombradas do museu : Pixinguinha, Donga, João da Baiana. Rio de Janeiro: Museu de Som e Imagem, 1970.		GIANI, Luiz Antônio Afonso. Noel Rosa : o coração do samba. Rio de Janeiro: SESC, 1987.
	SILVA, Marília T. Barboza da; OLIVEIRA FILHO, Arthur L. de. Pixinguinha : filho de ogum bexiguento. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.		MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. Noel Rosa : uma biografia. Brasília: Universidade de Brasília, 1990.
			ROSA, Noel. Noel Rosa : seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por João Antônio Ferreira Filho. São Paulo: Abril Educação, 1982.

FONTE: Acervo bibliográfico Alceu Schwab. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. 1898 – 2003. Organização da tabela: Luciana Cristina Pinto, 2019.

A biblioteca conta com mais de mil exemplares que revelam a paixão de Alceu Schwab pelo universo da música popular brasileira, como o livro de Edigar de Alencar, **O carnaval carioca através da música**, de 1979.⁶ Encontramos também dicionários, e o livro mais antigo

6 ALENCAR, Edigar de. **O carnaval carioca através da música**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. Acervo bibliográfico Alceu Schwab. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. 1898 – 2003.

deste acervo particular é uma edição francesa do século XIX, intitulada: **Manual do cristão**.⁷

LOURIVAL SANTOS LIMA (1914-1988)

A imponente biblioteca de Lourival Santos Lima foi doada ao CDPH/UEPG no ano de 2012, com mais de mil exemplares, e carrega nos títulos dos livros temas que dialogam com as preferências do acumulador que, formado em Direito, possuía obras referentes a essa área do conhecimento. Além dos livros sobre sua profissão, chamam a atenção os livros do poeta e crítico literário argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) (ver tabela 2). Certamente, os diferentes temas dos livros auxiliaram Santos Lima ao longo de sua trajetória no seu envolvimento com a imprensa, como escritor nas colunas de jornais.

A historiadora, Carmencita Ditzel, escreveu parte do percurso de Lourival Santos Lima:

Nasceu em Antonina/PR, e viveu a infância e a adolescência em várias cidades paranaenses. Em Curitiba fez seus estudos formando-se professor normalista e bacharel em direito. Radicou-se em Ponta Grossa em 1943, onde exerceu o cargo de diretor da Escola Ferroviária Coronel Tibúrcio Cavalcanti, foi promotor público, professor no Colégio Estadual Regente Feijó e da Faculdade de Direito e titular do Segundo Ofício de Registro de Imóveis - Títulos e Documentos. Integralista na juventude, colaborou com inúmeras publicações regionais como: O Jaguariaíva, A Razão, Voz do Sigma. Escreveu também para a Revista Fon-Fon do Rio de Janeiro. Em Ponta Grossa, Santos Lima publicou durante muitos anos a Coluna Amica Veritas no jornal Diário dos Campos. Participou do Centro Cultural Euclides da Cunha, Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico de Ponta Grossa e de Paranaguá, Academia de Letras José de Alencar e Academia Paranaense de Letras. Na década de 1940 participou da fundação do PSD no Paraná. (DITZEL, 2014, p. 184)

7 GOFFINÉ. **Manuel do cristão**. Lillie (França): Desclée de Brouwer, 1898. Acervo Centro de documentação e pesquisa em história. Acervo bibliográfico Alceu Schwab. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. 1898 – 2003.

Outro ponto que merece destaque nesta biblioteca, e que pode ser melhor explorado futuramente, são as dedicatórias manuscritas nos livros, que revelam parte das relações de cordialidade entre os intelectuais:

... a doação de livros pode ser estudada como parte de uma economia de dádivas. Assim, uma comunidade letrada pode criar padrões identitários e pautar sua atuação pela troca de livros entre si. A principal forma de buscar esses padrões e a própria economia de dádiva são as dedicatórias que os doadores (que nem sempre são os autores) fazem ao enviar ou entregar os livros ao destinatário do dom. (PINTO; DENIPOTI, 2008, p. 233)

Livros do/sobre Jorge Luis Borges

BORGES, Jorge Luis. <O> Aleph . Rio de Janeiro: Editora Globo, 1985.
BORGES, Jorge Luis. Borges em Diálogo . Conversas de Jorge Luis Borges com Osvaldo Ferrari. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1986.
BORGES, Jorge Luis. Buda . São Paulo: DIFEL, 1985.
BORGES, Jorge Luis. Discussão . São Paulo: DIFEL, 1985.
BORGES, Jorge Luis. Elogio da Sombra : poemas; Perfis : um ensaio autobiográfico. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1985.
BORGES, Jorge Luis. <O> Fazedor . São Paulo: DIFEL, 1984.
BORGES, Jorge Luis. História Universal da Infâmia . Rio de Janeiro: Editora Globo, 1975.
BORGES, Jorge Luis. <O> Informe de Brodie . Rio de Janeiro: Editora Globo: 1983.
BORGES, Jorge Luis. <O> Livro de Areia . Rio de Janeiro: Editora Globo, 1984.
BORGES, Jorge Luis. <O> Livro dos Seres Imaginários . Rio de Janeiro: Editora Globo, 1981.
BORGES, Jorge Luis. Livro dos Sonhos . São Paulo: DIFEL, 1985.
BORGES, Jorge Luis. Nova Antologia Pessoal . São Paulo: DIFEL, 1986.
BORGES, Jorge Luis. Prólogos, com um Prólogo dos Prólogos . Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1985.
BORGES, Jorge Luis. Sete Noites . São Paulo: Editora Max Limonad, 1983.

TABELA 2. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. 1889 – 2011. Organização da tabela: Luciana Cristina Pinto, 2019.

Por fim, uma possibilidade de pesquisa global com bibliotecas locais pode ser no levantamento das obras traduzidas para o português; ou ainda o percurso editorial dos livros com várias reedições. Nesse sentido, compreendemos que os impressos possuem múltiplas linhas de análise dentro do campo da História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros são imponentes, possuem uma trajetória, abrigando as ideias de seus autores, e nos provocam o tempo todo. Mas, por que os livros são poderosos? Muitos sobreviveram à ação do tempo, e quando considerados perigosos em muitos momentos da história, foram queimados por transportarem ideias “subversivas”, como no contexto do nazismo por exemplo. Os livros não passam despercebidos por nossos olhos, com suas capas amareladas, característica dos exemplares que carregam as marcas do tempo; se os pegamos nas mãos, logo sentimos também seu cheiro indescritível de história.

Muitos são os caminhos para o uso dos livros e da leitura como fontes de pesquisa para a escrita da História; vamos destacar alguns:

1. Como indicamos na descrição da biblioteca do Lourival Santos Lima, as dedicatórias manuscritas podem revelar uma intenção por parte de quem faz a doação do livro.
2. A análise dos prefácios também pode contribuir para o entendimento da recepção crítica de determinada obra. Qual a trajetória editorial de determinada obra?
3. Compreender a data-limite das bibliotecas pessoais, ou seja, qual a data mais antiga e a mais recente das obras, e se existem exemplares raros.
4. Quais as influências, convergências, divergências que a leitura das obras trouxe para a produção escrita do acumulador? O acumulador deixou registrado suas impressões de leitura?

Segundo a reflexão do historiador Claudio DeNipoti (DENIPOTI, 2006, p. 70), apoiado em Roger Chartier, existem muitas possibilidades de pensar a história da leitura, e a história editorial das obras:

[...] quando se pensa a história da biblioteca em termos metodológicos a partir de pontos de vista diversos, com uma concepção

ampla de história da leitura, possível graças a “duas abordagens que são necessariamente ligadas: reconstruir a diversidade de leituras mais antigas a partir de seus vestígios múltiplos e esparsos, e identificar as estratégias através das quais autoridades e editores tentaram impor uma ortodoxia ou uma leitura autorizada do texto”.⁸ (DENIPOTI, apud CHARTIER, 1992)

Convém ressaltar a importância da Universidade Pública e o fomento na área de ensino, pesquisa e extensão, que possibilita o desenvolvimento e capacitação de alunos de graduação e pós-graduação, que através de estágios e/ou aulas nos Centros de documentação, podem manusear os documentos, adquirir experiência profissional e, quiçá, realizar pesquisas de conclusão de curso (TCC), de mestrado e doutorado.

Os Centros de documentação e demais lugares de guarda, conservação e preservação dialogam, cada um ao seu modo, com outras áreas do conhecimento, como por exemplo a Arquivologia e a Biblioteconomia; essa particularidade tem a intenção, por um lado, na conservação dos documentos, e por outro, na organização das informações como resposta rápida para o possível pesquisador.

As bibliotecas apresentadas aqui ainda não estão em um catálogo on-line. O objetivo é migrar as informações dos livros para o Sistema Pergamum UEPG, o mesmo da Biblioteca Central Professor Faris Michaelle utilizada pelos usuários da instituição, e os livros devem aparecer com um campo “acesso restrito/local” por se tratar de documentos históricos, ou seja, os interessados não podem levar os livros do acervo para casa; a consulta será local, mas os pesquisadores em qualquer lugar do globo, com uma rápida pesquisa saberão quais livros existem nas estantes.

O historiador alemão Sebastian Conrad é, por sua vez, uma referência interessante para nos situar nas abordagens de pesquisas que a História Global permite, com seus exemplos que nos auxiliam nos caminhos metodológicos dentro do campo em disputa: “os estudos comparativos, a história transnacional, a teoria dos sistemas-mundo, os estudos pós-coloniais e o conceito de múltiplas modernidades” (CONRAD, 2019, p. 53). Para esclarecer, Conrad afirmou que “os historiadores globais não estão apenas preocupados com as macro-perspectivas.

8 DENIPOTI, Claudio. **Sobre História, Livros e Bibliotecas**. Op cit. Apud: CHARTIER, Roger. Textos, impressões e leituras. In: HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Muitos procuram assuntos e fenômenos históricos concretos no interior de um contexto mais amplo e, potencialmente, global” (CONRAD, 2019, p. 84). Essa afirmação poderia rebater as críticas de que a História Global focaria apenas em largas escalas de análise, destacando a possibilidade de temas específicos em contextos maiores.

Por fim, acreditamos que os livros, as bibliotecas e a leitura podem se conectar com questões globais, a partir do olhar do historiador que poderá investigar as traduções/idiomas de determinadas obras, as temáticas globais dos livros, as trajetórias de determinados autores e obras relacionados com contextos que podem ampliar a análise. O universo digital também traz desafios para os historiadores dos livros e das leituras,

Ao permitir uma nova organização dos discursos históricos, baseada na multiplicação das ligações hipertextuais e na distinção entre diferentes níveis de texto (do resumo das conclusões à publicação dos documentos), o livro eletrônico é uma resposta possível, ou ao menos apresentada como tal, à crise da edição nas ciências humanas. Em ambos os lados do Atlântico os efeitos são comparáveis, embora as causas principais não sejam exatamente as mesmas. (CHARTIER, 2017, p. 61, 62)

Também é possível comparar os exemplares de bibliotecas locais com catálogos de outros lugares fora do contexto brasileiro é um ponto positivo da era digital, permitindo ao pesquisador ter acesso aos exemplares sem precisar se deslocar.

ACERVOS PESQUISADOS

1. Acervo bibliográfico Helenice Rodrigues da Silva. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. 1919 – 2012.

BRAUDEL, Fernand. **La Mediterranee et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II**. Paris: Armand Colin, 1985.

CERTEAU, Michael de. **L'invention du quotidien**. Saint-Armand: Folio Essais, 1990. Coleção Folio/Essais.

CHARTIER, Roger. **L'Ordre des Livres**: Lecteurs, auteurs, bibliothèques en Europe entre XIV^e et XVIII^e siècle. Provence: Alinea, 1992. Coleção De La Pensee.

2. Acervo bibliográfico Alceu Schwab. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. 1898 – 2003. Livros Tabela 1.

3. Acervo bibliográfico Lourival Santos Lima. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. 1889 – 2011.

ALENCAR, Edigar de. **O carnaval carioca através da música**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

GOFFINÉ. **Manuel do cristão**. Lillie (França): Desclée de Brouwer, 1898. Livros Tabela 2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGOLD, Rogério de Brito Bergold. **Os fonogramas no Acervo Alceu Schwab**: um arquivo pessoal. XXIV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – São Paulo – 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/CDPH/Downloads/2746-10076-1-PB.pdf>. Acesso em: 20-01-2019.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA (CDPH). Disponível em: <http://pitangui.uepg.br/cdph/historico.php>. Acesso em: 20-01-2018.

CHARTIER, Roger. A história na era digital. In: CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CHARTIER, Roger. **Escutar os mortos com os olhos**. Estudos avançados 24 (69), 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n69/v24n69a02.pdf>. Acesso em: 20-05-2013. p. 11.

CONRAD, Sebastian. Abordagens concorrentes & História Global: uma abordagem distinta. In: _____. **O que é a História Global?** Lisboa: Edições 70, 2019, p. 53-110.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DENIPOTI, Claudio. **Sobre História, Livros e Bibliotecas**: ou ensaios em história da palavra impressa. Disponível em: <file:///C:/Users/cdph1/Downloads/sobre%20historia%20livros%20e%20bibliotecas.pdf>. Acesso em: 28-09-2006.

DITZEL. Carmencita de Holleben Mello. **Manifestações Autoritárias**: o Integralismo nos Campos Gerais (1932-1955). Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <file:///C:/Users/cdph1/Downloads/12101-29004-1-SM.PDF>. Acesso em: 29-01-2018. p. 21 e 22.

PINTO, Luciana Cristina; DENIPOTI, Cláudio. O livro como dádiva: as dedicatórias manuscritas nos livros do Centro Cultural Euclides da Cunha – Ponta Grossa – 1950-1960. **MÉTIS: história & cultura** – v. 7, n. 13, p. 233-255, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/702/508>. Acesso em: 08-10-2009.

ROIZ, Diogo da Silva. A trajetória de Helenice Rodrigues da Silva (1947-2013) e a prática da História Intelectual no Brasil. **Cultura Histórica e Patrimônio**. volume2, número 1, 2013. p. 6. Disponível em: https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/cultura_historica_patrimonio/article/view/01_art_v2n1_roiz/103. Acesso em: 10-01-2019.

SILVA, Helenice Rodrigues. MEDIAÇÕES REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. LOPES, Marcos Antônio, **DIÁLOGOS COM OS INTELLECTUAIS ENTREVISTA COM HELENICE RODRIGUES DA SILVA**. VOL. 9-N.1/2004-p. 231-236. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9059>. Acesso em: 16-02-2019.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: Rémond, Réne. (Org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.